

A LAGRIMA

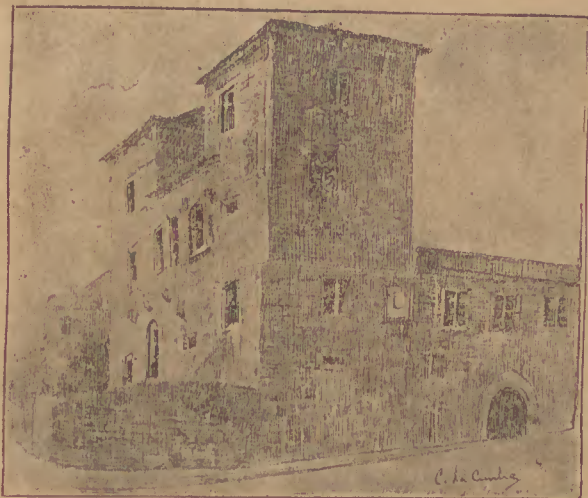
Quinzenario illustrado

Ed. responsavel: José Francisco da Silva

Barcellos, 22 de setembro de 1901

Red. e offic.: Typographia Barcellense

Anno, Barcellos, 480; Provincias, 600



O solar dos Pinheiros de Barcellos

O historico solar dos Pinheiros de Barcellos, tambem conhecido pelo palacio do Barbadão, fronteira com a rua da Igreja e com a antiga rua do Terreiro, hoje do duque de Bragança, ficando porisso a pequena distancia da Real Collegiada e do paço dos condes e duques de Barcellos.

Comquanto muito deteriorado pela acção do tempo e tambem por diversas reconstruções parciais que tem soffrido, e em parte até em estado de completa ruina, este venerando solar accusa ainda as formas primitivas, já nas suas janellas, algumas de primoroso trabalho artistico, já no seu pateo interior, incompleto mas de bom effeito, e já finalmente nas duas torres de tres andares que se erguem nos angulos norte e sul da fachada principal; e pode considerar-se um bem caracteristico representante da forma classica das habitações senhoriaes de Portugal e do norte da Hespanha. Ha n'este velho edificio algumas curiosidades, que, sendo muito interessantes, não devemos deixar de mencionar.

Assim, na cornija da torre que olha para o paço dos condes, vê-se uma figura de pedra, representando um homem com grandes barbas, na attitude de as querer arrancar com as mãos.

Diz uma lenda que esta figura significa o fundador d'esta casa enraivecido contra o conde D. Affonso (1.º duque de Bragança) por não lhe permittir o altear mais as torres do seu palacio.

Outra diz que o Barbadão, como geralmente chamam a essa figura, representa o mesmo fundador, protestando contra um cavalleiro do paço dos condes, ou contra o proprio conde, por haver manchado a fé de uma filha sua... N'esta lenda ha evidentemente uma allusão aos amores de el-rei D. João 1.º com uma senhora d'esta familia—D. Ignez Pires, a commendadeira de Santos—de que adiante fallaremos.

Na face sul da mesma torre e á altura da primeira janella, ha um escudo de pedra com quatro chaves suspensas de um torçal, e, contornando o escudo, em caracteres gothicos, a legenda seguinte:

ESTAS CASAS MANDOU FAZER O
DOCTOR PEDRO ESTEVES NO ANNO DE
1448

Ainda na mesma torre, mas na face do poente, vê-se na cornija a mesma figura—o Barbadão—que notamos na face do sul; e um pouco abaixo e ao lado da janella superior, um braço d'armas constituido por um escudo dividido em pala, tendo na primeira um pinheiro juncto de um leão rompente, que são as armas dos Pinheiros de Barcellos, e na segunda, que é dividida em duas partes, na metade superior quatro chaves suspensas de um torçal, e na inferior cinco lobos em santor, que são as armas dos Lobos. E, em volta do escudo, o lotreiro seguinte:

ESTAS ARMAS SÃO DE ALVARO
PINHEIRO LOBO

Um pouco inferior ao braço de Alvaro Pinheiro, ha uma figura de mulher, resaindo notavelmente da parede.

Parece usar hábitos monachaes e tem as mãos em attitude de orar.

Não será também uma allusão á celebre commendadeira de Santos?

Das legendas que acima referimos, vê-se claramente que esta casa foi começada pelo Dr. Pedro Esteves em 1448, e as duas torres mandadas fazer por seu filho Alvaro Pires Pinheiro Lobo, 1.º administrador do morgaão de Pouve e alcaide-mór de Barcellos.

Quanto ao escudo existente na face sul d'esta torre, é convicção nossa que não se trata de um bração d'armas, embora muitos antiquarios assim o tenham considerado, provinlo talvez d'ahi o erro de se haver daído ao fundador d'esta casa os appellidos de Chaves e Cogominho, que absolutamente lhe não pertencem.

Pelo menos nenhuma familia portugueza conhecemos, que tenha por divisa heraldica as quatro chaves suspensas de um torçal. As chaves apparecem, é certo, nos brazões das familias Fagundes, Chaves e Cogominhos; mas n'estes são em numero de cinco e postas em santor, e não quatro e suspensas de um torçal como no escudo da casa dos Pinheiros. Além de que, nos ascendentes d'esta familia, nenhuma alliança houve, que nos conste, com pessoas d'esses appellidos, que justifique um tal bração.

Para nós o melhor escudo d'armas d'estes Pinheiros é o que se vê no seu jazigo na Collegiada de Barcellos, e que é assim composto: um escudo esquartelado; no primeiro quartel as armas dos Pinheiros; no segundo as dos Aldanas; no terceiro a cruz floreteada dos Pereiras e no quarto as armas dos Lobos.

Este jazigo foi mandado fazer por Alvaro Pinheiro Lobo de Lacerda, que foi 3º administrador do morgaão de Pouve e falleceu em 1562. Tem o letreiro seguinte:

SEPVLTURA DE ALVARO PINHEIRO
CAPITÃO DESTA VILLA E SEVS ACEN-
DENTES E DECEDENTES

*

Foi fundador d'esta casa o Dr. Pedro Esteves, que nasceu em Barcellos pouco mais ou menos em 1405. Tendo sido criado no paço dos 9.ºs condes de Barcellos, foi muito novo ainda para a Universidade de Salamanca e ahi se doutorou em direito civil e canonico em 1425, tendo apenas 20 annos de idade.

Concluidos os seus estudos, voltou para o reino, e foi feito cavalleiro da casa do infante D. Duarte, filho primogenito de el-rei D. João 1.º, e, mais tarde, no anno de 1433, coudelmór da comarca de Guimarães.

Passou depois ao serviço dos condes de Barcellos, então já elevados á duques de Bragança, e entre outros cargos importantes que exerceu,

teve o de ouvidor das terras dos mesmos duques, por carta passada em Guimarães aos 21 de abril de 1441. Foi o Dr. Pedro Esteves um varão dotado de muito entendimento, summa prudencia e bom conselho, pelo que captou os affectos de todos os principes do seu tempo, nomeadamente dos duques de Bragança, de quem recebeu, pelos muitos e bons serviços que lhes prestou, as maiores distincções.

Poucas filiações terão sido tão controvertidas como a do fundador do velho solar dos Pinheiros.

Vejamos o que deu occasião a tal controversia.

Houve, no reinado de el-rei D. João 3.º, dois homens igualmente celebres pela sua intelligencia e profundo saber, que se tornaram implacaveis inimigos um do outro. Foram elles D. Antonio de Athayde, 1.º conde da Castanheira e grande valido de D. João 3.º, e o talentoso chronista-mór Damião de Goes.

Diz-se que esta reciproca inimisade procedia tão somente da inveja que cada um nutria pelos merecimentos do outro, se bem que alguém affirme também que a maledicencia heraldica de Damião de Goes, desluzindo a nobre estirpe d'aquelle conde, fez que este o esperasse uma noite na rua Nova de Lisboa e o desancasse. Outros contam que, havendo Damião de Goes praticado quaesquer faltas no desempenho do seu cargo de feitor de Flandres, que era subordinado ao de velor da fazenda, que exercia o conde da Castanheira, o reprehendera por isso o conde, pelo que o Goes, queixoso, proferiu palavras offensivas dos brios d'aquelle fidalgo, do que resultou dar-lhe este um dia, na casa da India, com umas luvas na cara.

Fosse este ou aquelle o motivo, o certo é que se odiavam mortalmente estes dois homens verdadeiramente notaveis; e o Goes, que não era boa pessoa, jurou vingar-se das injurias recebidas.

O conde da Castanheira, porém, estava muito alto: tão alto que o Goes bem sabia não poder medir a sua espalla com a do offensor.

Resolveu, por isso, fazel-o com a penna; e, como tinha muito talento, não lhe foi isso difficil. Appareceram, então, na côrte uns versos anonymos, que, sendo uma satira mordacissima contra o conde da Castanheira, desde logo foram attribuidos ao seu irreconciliavel inimigo. E, de facto, esse era o seu auctor.

Foi isto pelos annos de 1554 ou 1555.

Segundo referem as *Memorias ineditas* de Diogo de Paiva de Andrales, esses versos foram entregues ao proprio D. João 3.º por um frade de St.º Antonio, ou por pessoa disfarçada no habito d'aquelle ordem, que muitos creem ter sido D. Luiz da Silveira, conde da Sortelha—outro inimigo do poderoso valido. N'essa sati-

ra, que comprehende 64 quadras, Damião de Goes depois de descompôr o conde na figura e nos costumes, o infamou na familia, attribuindo-lhe origem judaica, o que n'aquelle tempo constituia a maior das affrontas.

Mas não o podendo fazer no que elle tinha de Athaydes, Castros, Souzaes e Tavares, por serem familias muito conhecidas na côrte, procurou a linha de sua avó materna, D. Maria Pinheiro—que era filha do nosso Dr. Pedro Esteves—e n'ella lançou essa noção infamante.

Eis algumas quadras da satira do Goes:

1

Deus sabe que esconder
a minha tenção não posso;
e, por seu serviço o vosso,
digo quanto aqui disser.

2

Se sobre isto o dessirvo,
com a clemencia que sohe,
como a vassallo e captivo,
que o ama, me perdoe.

5

Homens bons de muito ser
n'esta terra haver sohia,
ainda os ha; mais haveria,
se os deixassem viver.

6

Os que mettem pelos portos
mercadorias defezas,
com que os mortos são mortos
e os vivos suas prezas,

7

Esses no reino metteram
mentiras e judiarias,
baixesas e hypocrisias
que toda esta terra encheram.

8

E tanto quê, mór valia
Têm já isto em Portugal
que droga, cravo e tincal,
nobreza e cavallaria.

9

Mas de um, que tudo pende,
vos direi, senhor, um pouco,
em que me tenhaes por louco;
que Deus calar me defendo.

13

Convenho no que se diz;
Dês que o mundo se criou,

aquelle a quem Deus bem quiz
no rosto lh'o mostrou.

14

Após isto, no cabelo,
na sombra tão infernal;
de estopa de ruim pello
nunca se fêz bom sayal

15

As sobrancelhas hirsutas
maiores que abebadouro,
no meio da testa justas,
signal é de mau agouro.

16

Olheiras por meio rosto,
olhos tristes, embaciados,
risinhos falsos, sem gosto,
pensamentos esfaimados.

17

Esfaimados de cobiça,
de soberba e de inveja,
de quantos males atija
quem todo o mundo deseja.

51

Ao duque poz suspeição;
que sempre em tudo procedo
por ser parente d'Abrahão
e tambem de Mafamede.

52

Que como homem antigo,
parece que lhe sabia
a sua genealogia,
que é esta que aqui digo:

53

Mestro João sacerdote,
de Barcellos natural,
houve de uma moura tal
um filho de boa sorte.

54

Pero Esteves se chamou,
honradamente vivia,
por amores se casou
com uma formosa judia.

55

D'este (pois nada se esconde)
nascu Maria Pinheira,
mãe da mãe de certo conde
e sua avó verdadeira.

Segundo esta fabulosa genealogia, inventada pelo deslinguado Damião de Goes, o conde da Castanheira era 2.º neto de uma *firmosa julia*, com quem, *por amores*, havia casado o Dr. Pedro Esteves, e este, por seu turno, nascido da união sacrilega de um *pobre* com uma *moura*! E, não satisfeito com o enormíssimo escândalo que o seu mordaz poema havia causado na corte de D. João 3.º, o mesmo escreveu em um seu nobiliario, muito lido e apreciado, que existe na Torre do Tombo.

Cruel foi sem duvida o desforço que o sabio chronista tirou das affrontas recebidas do seu emulo Athayde; mas o odio d'este não o pôde diluir o tempo, antes lh'o afervorou, porque, annos decorridos, tendo sido preso o Goes como lutherano nos carcereiros da inquisição, d'onde o mandaram penitenciar-se em reclusão austera no mosteiro da Batalha, muitos disseram que a influencia e intrigas do conde da Castanheira é que elle devia as desventuras por que estava passando.

Em 1573, depois de haver concluido o prazo da expiação e já habitando a sua casa em Alemquer, o velho chronista de el-rei D. Manoel foi encontrado morto, quer de accidente apoplectico, quer assassinado por domesticos ou estranhos. Alguem disse então que os inquisidores, não se atrevendo a queimar publicamente um varão tão estimado do papa e de muitos reis da Europa, o mandaram matar; mas o maior numero crê que o 2.º conde da Castanheira, *desferrando-se dos velhos renovados ultrajes a Maria Pinheiro, mandou criados seus moçres com saccos de arêa o ancão no pátio de sua mesma casa; e de modo se houveram, que Damião de Goes apenas teve forças que o arrastassem á cama, onde se despenhou da vida, e mormente da lingua que tantos trabalhos lhe custára.*

Do nobiliario de Damião de Goes foram tiradas muitas copias, que se espalharam profusamente por todo o reino; e se houve alguem que, pela muita competência do seu auctor, acreditasse na phantasiada genealogia d'esse nobiliario, também não faltou quem a repuliasse por falsa e calumniosa, negando que o Dr. Pedro Esteves fosse filho do tal *mestre João sacerdote* e que houvesse casado com uma judia.

Pelo não comportarem os estreitos limites d'este artigo, deixaremos de relatar aqui, mesmo succintamente, as longas e interessantes discussões que este assumpto tem provocado entre os linhagistas mais afamados; limitando-nos a dizer que, de todas as filiações que têm sido dadas ao Dr. Pedro Esteves (e não poucas são ellas) a que nos merece mais credito, por ser bem fundamentada, é a de Mascarenhas Monterroio, com bons argumentos comprovada pelos nobiliarios do abbade de Esmoriz, de Felgueiras Gayo e de outros.

Segundo aquelle douto genealogico, o Dr. Pedro Esteves procedia da nobre e muito antiga familia dos Alvanas, e foi filho de Estevam Annes de Penella, ou Esteveannes Borboleta, como também lhe chamaram, natural de Barcellos, parente e companheiro do sancto condestavel Nun'alvares, que, pelos muitos serviços que d'elle recebeu, lhe fez mercê do reguengo de Alviella, em 10 de maio de 1416.

Estevam Annes era primo em 3.º grau de Pedro Esteves, alcaide-mór de Portel e commendador de Santos, na ordem de Sanct'Iago, que muitos nobiliarios confundem com o Dr. Pedro Esteves, chefe dos Pinheiros de Barcellos. E foi sua filha a celebre D. Ignez Pires, commenda-leira de Santos, de quem el-rei D. João 1.º teve o infante D. Afonso, 9.º conde de Barcellos e 1.º duque de Bragança.

A proposito d'estes amores de D. João 1.º, conta-se que, disputando el-rei D. Fernando de Portugal a corôa a Henrique 2.º de Castella, por tal motivo lhe declarara guerra em 1369, depois de ter conseguido alliar-se com o rei de Aragão e com o mouro de Granada.

Pedro Esteves foi obrigado a partir na hoste dos cavalleiros de Aviz, de que D. João era chefe; mas este, em vez de acudir ao serviço de seu irmão D. Fernando, deixou-se ficar em Veiros e, auxiliado pelo seu velho aio Fernão Martins, raptou Ignez Pires, levando-a para o castello de Aviz.

O pae de Ignez, vendo este barregan (e apesar de o ser de um infante) teve tal desgosto, sentiu-se tão profundamente deshonrado que decidiu matar o Mestre de Aviz; e sabendo que este havia de passar em Aldeia Gallega do Ribatejo, em caminho para Monte-mór-o-Novo, o esperou, disparando-lhe um tiro de besta, que o não attingiu. Parece que então fizeram as pazes; mas Pedro Esteves não mais quiz ver sua filha, nem tornou também a fazer a barba, pelo que lhe ficou a alcunha de *Barbalão*. D'ahi a lenda que referimos no começo d'este artigo, lenda que Damião de Goes também adulterou, dizendo que o pae de Ignez Pires, a quem chama Mem da Guarda, era judeu hespanhol converso, estabelecido na cidade da Guarda, onde exerceu alguns annos a sua profissão de sapateiro. Pelo menos assim consta de um velho manuscripto, geralmente attribuido a Damião de Goes e que elle astutamente guardou na bibliotheca da Ajuda.

Estevam Annes de Penella casou com D. Gracia Martins, de quem teve, além do D. Pedro Esteves, mais dois filhos, que foram:

a) *João Esteves*, alnoxarife e juiz dos direitos reaes de Guimarães e seu termo, por mercê do 1.º duque de Bragança, de quem foi muito estimado. Casou com D. Catharina Pires, de quem não teve filhos; e achando-se muito

A LAGRIMA

doente em Barcellos, faz testamento no 1.º de dezembro de 1453, pelo qual vinculou todos os seus bens em morgado, com a designação de morgado de Pouvo, cuja administração deixou a seu sobrinho Alvaro Pires Pinheiro Lobo, filho de seu irmão Dr. Pedro Esteves. Jaz na igreja de N. S.ª do Abbade de Vermoin, do antigo termo de Barcellos.

b) *Braz Esteves*, conego e thesoureiro-mór da collegiada de Guimarães, fallecido em 1459. Foi seu herdeiro o Dr. Pedro Esteves.

Casou o Dr. Pedro Esteves com D. Izabel Pinheiro, filha de Martin Gomes Lobo, dos Lobos de Alvito, representados hoje pelos marqueses de Alvito, e de sua mulher D. Mayor Esteves Pinheiro, dos Pinheiros senhoras da casa e torre de Outiz, na freguezia do mesmo nome, do antigo termo de Barcellos.

Falleceu em 1469 e jaz com sua esposa na capella dos Pinheiros, por elle instituida na collegiada de Guimarães. Foram seus filhos:

a) *Alvaro Pires Pinheiro Lobo*, que succedeu na grande casa do seus paes e foi 1.º administrador do morgado de Pouvo, alcaide-mór de Barcellos e Fidalgo da casa de Bragança. Casou com D. Izabel de Lacerda, dama da duquesa de Bragança, e jaz na collegiada de Barcellos, em tumulo privativo de sua familia

b) *João Pinheiro Lobo*, doutor em direito e theologia e deão da capella real por merce do el-rei D. Manoel.

c) *D. Diogo Pinheiro*, 35.º D. Prior da collegiada de Guimarães, commendatario dos mosteiros de Carvoeiro, de S. Simão da Junqueira e do Castro de Avelãos, instituidor de um morgado que aggregou ao que seus paes instituiram na collegiada de Guimarães, conselheiro d'Estado e desembargador do Paço, prelado de Thomar como vigario do mestre da ordem de Christo e 1.º bispo do Funchal em 1514. Foi D. Diogo Pinheiro autor do manifesto em que se mostra a innocencia do duque de Bragança, D. Fernando 2.º, degolado em Evora em 22 de julho de 1483. Além d'este manifesto, protestou, tambem, na sala do senado e diante de el-rei D. João 2.º, contra a infamia de tal condemnação. Falleceu em julho de 1514 e jaz na capella-mór da matriz de Thomar.

d) *D. Maria Pinheiro*, casada com Pedro de Sousa do Sabra, alcaide-mór de Bragança e da villa do Outeiro, senhor de Paiva e de Baltar, e mairinho-mór das terras dos duques de Bragança, de cujo consorcio procedem os condes da Castanheira, do Vinheiro, da Atalaya, marqueses de Cascaes e outras casas nobres e titulares.

e) *D. Brites Pinheiro*, dama da infanta D. Beatrix e casada com Pedro Vaz de Veiga.

f) *D. Izabel (ou Luiza) Pinheiro*, casada com

Gomes Martins Ferreira, senhor da nobre casa de cavalleiros, no antigo termo de Barcellos.

g) *D. Catarina Pinheiro*, casada com seu Alvaro (ou Simão) Annes de Cernache, senhor de Gaya.

D'este pequeno resumo geneologico se vê quão distincta foi esta familia, não só pelas suas magnificas alianças com as melhores familias do reino, como pelos cargos elevados que teve. E não o foram somente os ascendentes e filhos do Dr. Pedro Esteves; os descendentes d'estes engrangaram tambem postos insignes e distincções preeminentes. Faremos menção de alguns apenas:

D. Rodrigo Pinheiro, varão doutissimo, 2.º bispo de Angra em 1548, e depois 51.º do Porto em 1552.

Gaspar Pinheiro, commendador da ordem de Christo, que militou em Flandres e no Brazil com grande renome seu e não menos honra da patria.

Henrique Pinheiro, que acompanhou el-rei D. Sebastião á Africa e falleceu na catastrophe de Alcaer.

Henrique Pinheiro, neto do antecedente, que, sendo capitão de infantaria no reinado de el rei D. João 4.º, gloriosamente perdeu a vida na batalha de Montijo. E seu irmão *Jorge Pinheiro* que, na mesma epoca, pelejando com os holandezes, morreu no mar, lançando fogo ao seu navio para o não entregar ao inimigo.

Esta casa dos Pinheiros andou sempre nos descendentes legitimos do Dr. Pedro Esteves, até que, fallecendo solteira e sem filhos sua 6.ª neta, D. Anna Pinheiro de Lacerda, introduziu-se na posse illegal d'ella seu irmão bastardo Luiz Pinheiro de Lacerda, abbade de Christello, que a possuiu enquanto vivo foi, não obstante essa posse ser-lhe contestada por Pedro Lopes de Azevedo, senhor da casa solar de Azevedo, e tambem o 6.º neto do referido Dr. Pedro Esteves, por sua 2.ª avó D. Leonor da Silva e Vasconcellos. Depois de um pleito que durou muitos annos, passou toda a casa vincular dos Pinheiros para os senhores de Azevedo, ahí por 1732, onde se conservou até ao fallecimento do 1.º conde de Azevedo, que, não tendo filhos, a deixou, por disposição testamentaria, a sua sobrinha, a Ex.^{ma} S.^{ra} D. Maria Julia Falcão Pinheiro de Bourbon e Menezes, casada com o distincto cavalleiro José de Azevedo e Menezes, senhor da illustre casa do Vinhal e actual representante dos Pinheiros de Barcellos.

O artigo que ahí fica, em estilo simples, despretencioso, claro e interessante, pertence á penna d'um cavalleiroso fidalgo barcellense que tem qualidades excellentes de character, de saber e de intelligencia, sómente prejudicadas por excessiva modestia.

Versado em assumptos de historia patria, especificadamente n'aquelles que são de grandissimo interesse local, o autor de "O solar dos Pinheiros,—que não é a primeira vez que assim, honra o nosso quinzenario— tem um logar condigno entre os escriptores portuguezes.

A illustração que acompanha esses formosos trechos, pertence ao grande artista—de Barcellos—Antonio Candido.

E' um perfeito *croquis* do natural.
Um trabalho, completa o outro!

Triste dever!

Com o fallecimento de D. Christina Azevedo Duarte—esposa sincera de Avelino Ayres Duarte, um dos redactores da "Lagrima,,—achamo-nos obrigados a um triste dever!!!

Cumprimentarmos com respeito e magoa o amigo e collega, n'um d'esses lances que põem em fôco o mundo composto de *illusão* e de *durida*, tendo sómente como verdade palpavel: a *mórte!*

Notas diversas

O Chiteiro é um homem muito valente, de Abbade do Neiva. Ensina a jogar o pau a meia freguezia e bate na outra meia, sendo preciso. Ora é certo, porém, que um valente morre nas mãos d'um fraco. Ha semanas o nosso homem apanhou uma coça, a valer, de uma mulher, que, por pouco, elle morria de susto e da *lenha* que apanhou. Isto causou consternação, grande tristeza, na freguezia, porque Abbade do Neiva tinha, até aqui, duas cousas notaveis,—que eram o Chiteiro e a torre secular da sua egreja.

—Serão amanhã nomeados contadores de Barcellos os drs. José de Castro & Irmão, dr. Sá Carneiro, Antonio Esteves, dr. Quirino e *ajudante* Bernardo Correia de Magalhães, de Villa do Conde. Por tal motivo estão tersas as relações do Santos Viegas com o dr. Castro, as do procurador Faria e dr. Sá Carneiro com o dr. Castro: e as d'elles todos, uns com os outros, em summa

—Diz o hospedeiro Villas-boas que vende vinho tinto distincto.

—O João Salgado tem muito *sal* na conversa...

—Receita para o Paes de Faria crescer. Enxertal-o n'um eucalypto.

—Na ultima visita sanitaria (por occasião da peste) só na rua Direita foram encontrados dentro das casas 73 pórcos, não contando os *pórcos* que os criavam.

—O Augusto Viajante já viu as primeiras lampreias.

—Annuncia-se para breve a publicação d'um breviario da lavra do Basilio.

—No templo da Ordem do Terço ha duas cousas roucas: a campainha que se ouve na celebração das missas e a voz do sachristão.

—Com as ultimas chuvas espigaram os pés do nosso collega Carreira.

—O Serra Macaca vae tirar privilegio do frio, o melhor matador de môscas.

—Chegam-nos noticias aterralôras d'Apulia pelo motivo de banheiro Carvalho, e tambem camarista do senado de Espozende, se transformar *lampianis'a*, acendendo a illuminação publica d'aquella praia.

D'isto acima só *augaleiro*.

É boal

Uma Senhora, ahi dos lados de Vessadas, suspeitando que alguém lhe maquiava as uvas lembrou-se de pedir auxilio a quem lh'as guardasse e respeitasse.

—Do que se havia de lembrar!

Mandou um seu serviçal a casa do senhor commandante do batalhão, aqui estacionado, que lhe enviasse dois militares armados de arma e baioneta para a sua propriedade, e que desse ordem terminante aquelles guardas para que furassem todo e qualquer fiel patife que se aventurasse a provar as suas louras e pretas uvinhas.

Não sabemos o que aquelle senhor lhe responderia; nós dir-lhe-híamos que só dois militares não lhe mandavamos porque isso era pouco, porém que se quizesse lhe enviaríamos todos os soldados do batalhão a guardar as uvas, porque podia ter a certeza que em pouco tempo lhe não dava molestia alguma, nem philoxera, nem blak-rot, nem oidium, nem nada. Em pouco tempo ficavam bem gnardadas.

Esta nem ao diabo lembra!

O Joaquim dos Sarilhos appareceu-nos á ultima hora *liturgico*. Pedeu umas capas emprestadas para a ultima festividade de N. Senhora do Terço. O servo, a quem foi solicitado esse emprestimo, observou que as capas que desejava eram roxas e, portanto, improprias para servir na festa d'aquella Senhora. Joaquim, que isto ouviu, foi prompto em retorquir que, realmente, confessava a sua ignorancia em tal assumpto, pois não tinha visto a *folhinha*. Se ressuscitasse o fallecido padre João Fernandes cahia outra vez fulminado por uma apoplexia, a rir...

A «Lagrima» é o periodico de maior publicidade em Barcellos